

O PARTIDO DA CLASSE OPERÁRIA: A campanha eleitoral comunista em Alagoas (1947)*

Anderson Vieira Moura¹

Resumo

Nas eleições legislativas de 1947, o Partido Comunista do Brasil (PCB) elegeu três deputados estaduais em Alagoas. A vitória torna-se ainda mais expressiva diante das dificuldades enfrentadas pelos comunistas durante a campanha. Este artigo trata justamente desse processo, quando os militantes do PCB percorreram o estado em busca dos votos de uma desconfiada população.

Palavras-chave: eleições; partido comunista; classe trabalhadora.

Abstract

In the legislative elections of 1947, the Communist Party of Brazil (PCB) elected three state deputies in Alagoas. The victory becomes even more expressive in the face of the difficulties faced by the communists during the campaign. This article deals precisely with this process, when the militants of the PCB crossed the state in search of the votes of a distrustful population.

Keywords: elections; Communist party; working class.

¹ Doutorando em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

E-mail: andersonvm82@gmail.com.

* Este artigo é uma versão revista e ampliada de um subtópico do primeiro capítulo de minha dissertação de mestrado, defendida na Universidade Federal de Pernambuco com o título: *Comunistas e trabalhadores urbanos em Alagoas (1951-1961)*.

Ao longo dos anos de Getúlio Vargas no poder, os Góis Monteiro – família com influente tradição militar¹ – tiveram uma importância ímpar na política alagoana. Da família, saiu dois interventores do Estado Novo: Ismar de Góis Monteiro governou por quase cinco anos². O prestígio da família era tamanho que o primeiro governador eleito pelo voto direto, após o fim do Estado Novo, pertencia ao clã: Silvestre Péricles de Góis Monteiro³.

As eleições e o clima eleitoral de 1947 em si foram bastante atípicos. Péricles fora eleito pelo Partido Socialista Democrático (PSD), agremiação na qual nunca se sentiu realmente confortável, apesar do presidente ser o seu irmão Ismar. Na oposição, os comunistas uniram-se com a União Democrática Nacional (UDN) em torno do nome do udenista Rui Palmeira⁴.

A primeira vista, podemos considerar ser uma grande “divergência” operacional entre o Partido Comunista do Brasil (PCB) nacional e o alagoano. Porque nacionalmente, nos fins do Estado Novo, os comunistas apoiaram Getúlio Vargas, fazendo coro ao lema

constituente com ou sem Vargas. Em Alagoas, se o ex-presidente não possuía um candidato próprio, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) pegou carona nas diretrizes nacionais, apoiando a candidatura de Silvestre Péricles pelo PSD.

Tanto udenistas quanto comunistas fizeram questão de defender seus ideais e programas políticos, totalmente divergentes, mesmo estando momentaneamente aliados. Naquele momento, o entendimento do PCB era a necessidade de agregar forças contra o atraso e o continuísmo dos Góis Monteiro, no poder em Alagoas desde muito tempo, e antigos inimigos políticos dos tempos do Estado Novo. Se os Góis Monteiro apresentavam-se como uma opção continuísta, a UDN era composta por boa parte das oligarquias pré-Era Vargas, que nunca deixaram realmente o poder em Alagoas (BARROS, 1989). Não por menos, houve tentativas de coligação entre PSD e UDN. “Chegou a haver reuniões de altos líderes políticos, de ambas as facções, (...) sem resultados positivos, muito ao contrário, deu-se até a renúncia de Alfredo Maya da direção da comissão executiva da UDN” (LI-MA, 2008, p. 23).

O PCB tinha candidato próprio à presidência do Brasil e em vários estados lançou candidatos das hostes do partido para o governo. Alagoas, no entanto, não teve um nome comunista para concorrer para governador. O próprio Luís Carlos Prestes veio ao estado “referendar” a aliança entre o PCB e a UDN.

Entre os comícios de propaganda na capital, um se destacou. Foi em 7 de janeiro de 1947, na Praça Gonçalves Ledo, quando udenistas e comunistas se uniram, com a presença de Luiz Carlos Prestes e com uma

¹ Apesar do pai, Pedro Aureliano Monteiro dos Santos, ter sido médico sanitário, cinco dos oito filhos que teve com Constança Cavalcanti de Góis Monteiro eram militares influentes no Exército. O principal, sem dúvidas, foi o general Pedro Aurélio de Góis Monteiro, um dos responsáveis pela implantação do Estado Novo em 1937, ocupando o cargo de Ministro da Guerra de Getúlio Vargas. Ismar, Edgar, Manuel César e Silvestre Péricles também eram militares de alta patente e Cícero morreu na Revolução Constitucionalista, em 1932.

² Edgar de Góis Monteiro ficou no poder apenas entre 10 de novembro e 18 de dezembro de 1945.

³ Governou Alagoas entre 29 de março de 1947 e 31 de janeiro de 1951.

⁴ É bom salientar que naquela eleição, Alagoas não foi o único estado a “unir” os dois partidos.

assistência bem acima do comum. Obviamente, o espírito de curiosidade e o desejo de ver e ouvir o lendário “Cavaleiro da Esperança” foram fatores decisivos para a grande concorrência pública (LIMA, 2008, pp. 23-24. Grifos meus).

Na visão de Prestes, “o PCB apoiaria a candidatura de Rui Palmeira, para combater a oligarquia dos Góis Monteiro” (LIMA, 2008, p. 24). A presença de Prestes no estado para consolidar a união momentânea entre as duas agremiações políticas demonstra a aproximação dos comunistas alagoanos com o Comitê Central do partido, desfazendo aquela aparente “divergência” inicial.

Uma turnê por Alagoas

Porém, era na esfera do Legislativo que o PCB mostrava sua força. Nas eleições estaduais de 1947, trinta e três comunistas disputaram o pleito e três foram eleitos deputados: André Papini Góis, Moacir Rodrigues Andrade e José Maria Cavalcanti. A quantidade de candidatos é explicada por Gregório Bezerra⁵: “O nosso partido, que tinha lançado a palavra de ordem de um milhão de votos nessas eleições, não podia deixar de jogar todos os seus quadros na batalha eleitoral, para atingir aquela meta” (BEZERRA, 1980, p. 31).

As únicas informações que encontramos sobre a campanha do PCB em Alagoas para as eleições de 1947

⁵ Afamado militante comunista pernambucano, Gregório Bezerra nasceu em Panelas, região agreste do estado. Militar do exército, filiou-se ao PCB na década de 1930, pelo qual foi eleito deputado federal nas eleições de 1946, sendo o constituinte mais votado de Pernambuco. Passou cerca de vinte e dois anos de sua longa vida em prisões e foi um dos presos libertados em troca da liberação do Embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick. Bezerra morreu nos Rio de Janeiro, aos 83 anos.

estão no livro de memórias de Bezerra. Após uma série de comícios em bairros operários do Recife e algumas cidades do interior de Pernambuco, Gregório Bezerra foi para Alagoas,

(...) onde realizamos um grande comício, em Maceió, e outros em municípios vizinhos, todos concorridos e sem perturbação da ordem, ficando provado que estávamos ganhando o povo para as nossas posições, apesar das campanhas caluniosas contra o nosso partido e seus dirigentes (Ibid., p. 32).

Após isto, Bezerra voltou ao Recife de onde seguiu para a Paraíba, para novos comícios, e depois para o Rio de Janeiro, “para cumprir tarefas de deputado federal”. Ao voltar da capital federal para Recife, Gregório Bezerra monta um panorama simples de como se dava as campanhas eleitorais pelo interior de Pernambuco, podendo ser aplicada ao interior de Alagoas. A escolha do comunista pernambucano para liderar a campanha do PCB pelo Nordeste é bastante óbvia: além de ser um grande orador, Bezerra já era “deputado federal, e mais conhecido do que qualquer outro elemento nos municípios afastado do grande Recife”. Pelo interior de Pernambuco, a campanha mostrou-se árdua e com uma enorme desvantagem para os comunistas, principalmente por conta da reação dos latifundiários e da Igreja Católica, e de práticas muito antigas ainda em evidência por estas regiões, como por exemplo

(...) os “votos de cabresto” (o morador em terras do fazendeiro ou do latifundiário é forçado a votar nos candidatos que lhe indicam). E havia os “currais eleitorais”: os chefes políticos locais matam o gado e concentram os eleitores do município em determi-

nados quarteirões da cidade, onde lhes oferecem comida e pinga; estes, depois que comem e bebem, recebem as cédulas dos candidatos do “coronel” e vão depositá-las na urna do posto eleitoral, sem sequer saber em quem estão votando. Mesmo assim, conquistamos boa votação, e recrutamos algumas centenas de novos militantes para o partido, além da propaganda que realizamos no meio da matutada e do povo em geral (ibid., ibidem).

Após rodar Pernambuco fazendo campanha, Gregório Bezerra voltou a Alagoas, encontrando-se com os “camaradas José Maria Cavalcanti, André Papini, Murilo Rêgo e outros, todos membros do Comitê Estadual”. Tanto na capital, Maceió, quanto “nos municípios vizinhos, realizamos grandes comícios, com muito êxito” (Ibid., p. 34). Daí pra frente, Bezerra começa a narrar as dificuldades e peculiaridades encontradas pelo grupo em algumas cidades alagoanas.

Em Rio Largo, cidade bem próxima a Maceió, o comício foi um sucesso até ser boicotado, provavelmente pelo pároco da cidade. O fato mais curioso foi a ajuda involuntária que o mesmo padre deu ao evento. Segundo Bezerra, o padre marcou uma procissão para o mesmo dia e horário do comício do PCB. Cerca de uma hora após o início, a procissão passou pelo local e os comunistas pediram “ao povo que interrompesse o comício e manifestasse seu respeito ao sentimento religioso daquela gente”. Quando o cortejo católico passou, uma parte dos fiéis ficou no evento. Alguns instantes depois, a procissão retornou e os comunistas repetem o ato respeitoso. Dessa vez, uma parcela ainda maior abandonou o cortejo católico e ficou no evento comunista. Algum tempo depois, aconteceu o inesperado: as luzes se apagaram. “Toda a cidade

ficou no escuro. Estava na cara a sabotagem do padre”. Entretanto, isto não desanimou os comunistas nem dispersou a multidão.

Pedimos ao povo que permanecesse na praça, pois com luz ou sem luz continuaríamos o comício. De repente, apareceram centenas de archotes de jornal. A massa soube responder à sabotagem do padre, não só permanecendo na praça como improvisando centenas de archotes para iluminar o nosso comício. Graças a essa iniciativa, o comício tomou uma feição mais entusiástica do que antes (Ibid., p. 35).

Após um evento fracassado na cidade de Viçosa, o grupo seguiu para Palmeira dos Índios, no agreste alagoano, “onde esperávamos alcançar um grande êxito”, mas terminaram saindo

(...) correndo antes que fosse tarde; era grande a hostilidade contra nós. Chegaram ao cúmulo de nos negar hospedagem nos hotéis ou casas de pensão, e o pior foi que mobilizaram os índios e lhes deram bebida para jogá-los contra nós. Se não saíssemos logo da cidade, seríamos rasgados a foice e facção pelos índios embriagados. Além disso, havia uma turma de pistoleiros prontos para nos liquidar na hora do comício.

De Palmeira dos Índios seguiram para Arapiraca, segunda maior cidade de Alagoas, também localizada no agreste, onde o panorama ruim não se modificou. O início da visita foi até animador, com “uma série de visitas a algumas pessoas democráticas e progressistas, sobretudo aos plantadores de fumo, meeiros e arrendatários”. Contudo, intensificaram-se os boatos sobre uma possível reação violenta no comi-

cio e os comunistas foram até o delegado de polícia. Aquela altura, um grupo já tinha iniciado “à destruição de nossa propaganda, rasgando acintosamente a maioria de nossas faixas”. Ao contrário de Rio Largo, o padre local obteve êxito. “Badalava o sino, incitando os fanáticos contra nós”. Os comunistas reuniram-se na casa de um membro local, “secretário político do CM [Comitê Municipal]”, e na porta da residência começou a juntar uma multidão, que não tardou a jogar pedras na casa. O delegado afirmou não poder ajudar, por conta de dispor de poucos policiais. Com o aumento da retaliação da multidão – as pedras já havia ferido uma criança e a esposa do dono da casa, “em adiantada gravidez”, estava alarmada –, Gregório Bezerra decidiu ir à porta “apelar para os provocadores, dizendo-lhes que respeitassem pelo menos uma senhora em estado de gravidez e suas crianças inocentes”, afirmando até estarem “dispostos a não realizar o comício, desde que cessassem de jogar pedras”. Por pouco, não terminou em tragédia. “Alguns deles me vaiaram e outros me jogaram pedras. Saquei meu revólver e ameacei atirar no primeiro que me atingisse. Nesse momento, encostou o nosso carro. Entramos e bate-mos em retirada debaixo de pedradas e vaias” (Ibid., p. 36).

Após esses fracassos, Bezerra faz uma avaliação um pouco desanimada: “A excursão ao interior de Alagoas foi um verdadeiro fiasco, principalmente naquela zona totalmente dominada pelo latifúndio”. No entanto, o desânimo é passageiro. Como todo bom militante dedicado, Gregório persistiu em sua luta. E juntamente com seus companheiros não baixaram a cabeça, estando “sempre dispostos a atacar tanto quanto possível as bastilhas latifundiárias e a levar a mensagem do nosso partido

àquele povo sofrido, fanatizado e brutalizado pelo clero”.

As coisas voltam a melhorar quando a caravana parte para Penedo, na região do baixo São Francisco. Os comunistas receberam garantias até do delegado de polícia da cidade, prometendo a realização do comício. O delegado alertou apenas para “os fanáticos da igreja, pois Penedo era uma cidade católica”. Começaram então os preparativos para o evento, ficando um grupo de militantes e simpatizantes do partido encarregados “de fazer uma vasta propaganda anunciando o comício”. Pela tarde, os comunistas passearam pela cidade para conhecê-la e também para “fazer algumas visitas no setor comercial” (muitos comerciantes apoiaram o PCB em Alagoas ao longo do período democrático, entre 1947 e 1964). O comício iniciou à noite. “Segundo pessoas insuspeitas, foi o maior comício realizado em Penedo, até então, e a primeira vez que os comunistas tiveram a oportunidade de falar publicamente ao povo daquela região, em nome do PCB” (Ibid., pp. 36-38).

O evento foi um sucesso. “Tanto André Papini como José Maria Cavalcanti foram muito aplaudidos, principalmente Papini, que era filho da terra e bom orador”. Gregório Bezerra encerrou o comício falando em nome do PCB, respondendo principalmente as críticas feitas pela direita, pelos latifundiários e pelo clero ao partido. Dedicou outra parte de seu discurso para responder ao bispo de Penedo, que fazia uma campanha pesada contra os comunistas e o comício da noite.

Terminamos às 10h. Grande parte do povo nos conduziu até a sede do CM. Todos nós estávamos encantados com o êxito do comício. Muitas pessoas foram à sede do

Comitê Municipal para nos parabenizar e alguns pediram que o CC [Comitê Central] mandasse vez por outra um representante àquela cidade para fazer comícios ou conferências, que o povo de Penedo merecia ser esclarecido e orientado; e exemplificaram com a multidão que compareceu ao comício, apesar da propaganda dos nossos opositores (Ibid., pp. 38-39).

Após relatar estes fatos, Bezerra concluiu que o “resultado da campanha eleitoral em Alagoas não foi ruim; e teria sido bem melhor se não fosse a reação dos latifundiários e da Igreja naquele estado” (Ibid., p. 40).

Assim, o PCB alagoano chegou com trinta e três candidatos concorrendo para a Assembléia Legislativa. Desse total, a metade (dezessete) obteve menos de cem votos. Nas condições objetivas e no cenário conjuntural encontrado, a votação do PCB foi expressiva. Na avaliação de Gregório Bezerra, a escolha dos candidatos em Pernambuco não foi muito bem feita. “Não fizemos uma escolha objetiva e lógica, como devíamos. (...) Mas a maioria dos outros não tinha condição de se eleger nem de carrear votos para a legenda partidária. Foi uma falha” (Ibid., p. 32).

Para as eleições em Alagoas, temos a distribuição dos votos dos diferentes partidos por zona eleitoral, indicando, assim, os locais de maior influência dos comunistas. Na tabela 1, apresento os números de votos obtidos pelos candidatos do PCB (apenas aqueles com mais de cem votos) nas cinco zonas eleitorais com a maior quantidade de votos para o partido. A seguir, justifico melhor a escolha.

No dia 16 de junho de 1945, o Tribunal Regional Eleitoral (TER) dividiu o estado em vinte e uma zonas eleito-

rais (SÁ JÚNIOR, 2008, pp. 60-61a)⁶. Maceió foi a única cidade a ter duas zonas. A 1ª Zona Eleitoral cobria a área central da capital, juntamente com toda a periferia da cidade. Bairros como o Centro, Levada, Ponta Grossa, Prado, Jaraguá, Bebedouro e o distrito de Fernão Velho eram locais de moradia de boa parte dos trabalhadores e militantes do partido. Em virtude disso, aproximadamente 59% dos votos do PCB saíram desta zona eleitoral.

Mais quatro zonas representam 30% dos votos para o PCB. A 2ª Zona, sediada em Maceió, registrou 892 votos e foi o segundo local com mais votos para o partido, mostrando a importância da capital nessa vitória: era a cidade com o maior contingente de trabalhadores urbanos em Alagoas – ou seja, alfabetizados e aptos a votar.

TABELA 1: Candidatos comunistas mais votados por zona (1947)

Candidato	1ª Zona	2ª Zona	5ª Zona	13ª Zona	15ª Zona	Total Geral
André Papini	571	197	1	61	1	895
José Cavalcanti	391	33	-	3	6	506
Moacir Andrade	302	115	-	-	5	441
José Almeida	393	5	-	1	20	421
Jaime Barbosa	228	26	1	1	1	264
José de Oliveira	77	147	-	3	2	262
José Lira	16	8	-	-	232	262
Oscar Silva	180	4	-	14	1	260
Júlio Braga	90	105	-	23	7	247
Passos Guimarães	168	62	-	-	3	245
Florentino Cavalcanti	133	55	-	-	1	196
Manoel dos Santos	136	-	-	-	10	159
Hélio Carneiro	67	9	-	-	2	120
José Barreto	77	9	-	-	16	117
George Cabral	79	14	-	-	-	108
Armando Almeida	4	1	96	-	-	103

Fonte: “Partido Comunista do Brasil – Resultado final da votação obtida pelos candidatos à Assembléia Legislativa, nas eleições de 19 de janeiro de 1947”. Diário Oficial do Estado de Alagoas. 13/03/1947, p. 9.

Partindo para o interior, a maior quantidade de votos do partido (337) veio da 15ª Zona. Cidade circunvizinha de Maceió, em Rio Largo existia duas

⁶ As informações seguintes sobre as zonas eleitorais foram tiradas destas mesmas páginas.

grandes fábricas têxteis e há muita movimentação comunista na cidade, inclusive com um grande diretório municipal. A estrada de ferro que saía da capital cruzava a cidade, facilitando a movimentação dos militantes. Penedo era a 13ª Zona e obteve 222 votos⁷. A cidade possuía uma fábrica têxtil e um diretório municipal do partido, além de ser a terra natal de André Papini, o deputado mais votado do PCB. Jornalista e advogado, militante do partido desde os anos 1930, Papini chegou a fazer parte da Aliança Nacional Libertadora (ANL), era membro de uma tradicional família penedense, e lá obteve sessenta e seis votos. Em seu relato, Gregório Bezerra conta ter ido almoçar na casa do então candidato André Papini, junto “com toda a sua família, que era estimadíssima em Penedo” (BEZERRA, 1980, p. 37). A razão para esta quantidade de votos deu-se principalmente por conta da estrutura operacional e organizacional dos comunistas nessas duas cidades e da influência política de André Papini em Penedo⁸.

A quarta zona com uma boa quantidade de votos para o PCB (144 votos) era a mais atípica dentre as analisadas, formada pelas cidades de Assembléia (hoje Viçosa) e Capela. O próprio Gregório Bezerra relatou uma passagem em Viçosa durante a campanha nos fins de 1946, após partirem de Rio Largo. Segundo o comunista, o séquito dormiu na cidade e lá realizou “um comício sem entusiasmo e com pouca platéia. Esforçamo-nos para arrancar

⁷ As cidades de Igreja Nova e Piaçabuçu também faziam parte da 13ª Zona.

⁸ Sobre a importância eleitoral dessas cidades para os candidatos ligados à classe trabalhadora, ver: MOURA, Anderson Vieira. “*Uma candidatura de inspiração popular: A formação da Frente Popular Alagoana (1955)*”. Cadernos de História, v. 17, n. 27. Belo Horizonte: PUC Minas, 2016, p. 406-430.

alguns aplausos, mas nada conseguimos. O público estava apático, curioso e frio” (BEZERRA, 1980, p. 35). De todos os votos registrados para o PCB nesta zona, 66% são de um único candidato, Armando Almeida Vasconcelos. E o mesmo só teve sete votos fora desta zona. Outro candidato, Ernani Maia Lopes, obteve 31% dos votos e fora da região, só conseguiu oito. Ou seja: 97% dos votos comunistas na 5ª Zona Eleitoral são de apenas dois candidatos. Em números absolutos, só mais três candidatos foram votados por lá e cada um teve apenas um único voto (foram eles: André Papini, Cirilo Gomes da Rocha e Jaime Barbosa da Silva). Com isso, a melhor explicação para o êxito eleitoral dos comunistas na 5ª Zona é o personalismo político, marca registrada da política em Alagoas. O PCB sempre foi, sem sombra de dúvidas, um partido diferenciado dentro do cenário político, tanto nacional quanto alagoano, marcado pelo personalismo, pelas relações de clientela e pela mesmice (ou falta) de ideias e projetos. No entanto, o próprio PCB não era um partido 100% “puro”; dentro dele também existia resquícios de uma forma de fazer política muito antiga e ainda muito vigorosa, com raízes muito fortes.

Números eleitorais

Obviamente, os votos para os candidatos comunistas não se restringiram apenas à Assembleia Legislativa. Em 1945, Yedo Fiuza, o candidato à presidência pelo partido, obteve 5.048 votos no estado (quase 8%), em um total de 63.173 votos válidos. Para o Senado Federal, Luiz Carlos Prestes (5.532 votos) e José Francisco de Oliveira (5.390 votos) também tiveram uma votação considerável. Já nos votos por legendas para deputado federal, o

PCB conseguiu 4.930 votos – apenas sessenta e sete a menos que o PTB, por exemplo – mesmo sem nenhum candidato disputando o cargo por Alagoas (SÁ JÚNIOR, 2008, p. 68). Por conta da coligação, não convém analisar os votos obtidos pelo candidato da frente udeno-comunista ao governo do estado⁹.

Na tabela 2, temos a distribuição geral dos votantes por zona eleitoral nas eleições de 1945 (para presidente, senadores e deputados federais – cargos nos quais não havia nenhum comunista alagoano concorrendo), em um universo total de “82.068 eleitores, sendo 20.017 na capital e 61.991 no interior” (SÁ JÚNIOR, 2008, p. 278)¹⁰. Selecionei apenas as seis zonas analisadas anteriormente:

TABELA 2: Alistamento Eleitoral de 1945 por zona

Zona	Cidade	Quantidade de votos	Votos para o PCB
1°	Maceió	15.489	3.145
2°	Maceió	4.528	892
15°	Rio Largo	3.449	337
13°	Penedo / Igreja Nova / Piaçabuçu	4.402	222
5°	Viçosa / Capela	4.730	144

Fonte: Diário Oficial do Estado de 6 de novembro de 1945.

Viçosa e Penedo são, respectivamente, a quarta e quinta cidades com o maior número de eleitores em Alagoas, perdendo apenas para Maceió (que nesse momento possuía menos da metade dos votantes de todo o estado), Anadia e Palmeira dos Índios. Penedo revela-se

⁹ Apenas a título de esclarecimento: Silvestre Péricles teve 33.900 votos, enquanto Rui Palmeira obteve 22.876. Brancos e nulos somaram 864 votos, sendo deste total apenas 78 nulos.

¹⁰ Em relação às eleições de 1947 o aumento de eleitores foi de 5.098 a mais que 1945, sendo 3.690 novos eleitores no interior e 1.408 na capital. Cf.: SÁ JÚNIOR, 2008, p. 278.

um importante polo, com um fortíssimo centro urbano e de comércio intenso (Cf.: MEDEIROS, 2011). Rio Largo nunca foi uma das maiores cidades do estado (entre as cidades com o maior número de votantes, Rio Largo era a oitava), mas possuía intensa atividade política por conta das duas grandes fábricas têxteis ali instaladas.

Para termos uma dimensão da quantidade de votos obtidos pelos candidatos ao legislativo do PCB naquelas eleições, vamos compará-los com a votação dos outros quatro partidos. Assim, em uma outra perspectiva, a tabela abaixo mostra esses números – no caso, o total geral de votos, ou seja, a soma dos votos nominais (candidato) com os votos da legenda (partido).

TABELA 3: Quantidade de votos para a Assembléia Legislativa por partido.

PCB	PSD	UDN	PTB	PRP
5.496	27.096	15.618	7.376	770

Fonte: Diário Oficial do Estado de 12 de novembro de 1947, pp. 8-12.

Em nossas análises, vamos excluir o Partido de Representação Popular (PRP)¹¹. Foram 56.356 votos, sem contar os 489 brancos e 306 nulos. Assim, o total é de 57.151 votos apurados. Diante deste número, o PCB conseguiu 9,6% dos votos em todo o estado. Isso para um partido considerado pequeno e sem nenhuma representatividade¹²... O PCB lançou trinta e três candidatos, enquanto o PTB foi com trinta e cinco. A diferença entre os dois é de 1880 votos a mais pros trabalhistas. Com esses números, podemos enxergar melhor o poder eleitoral do PSD: também lançou trinta e cinco candidatos, mas elegeu dezenove (ficando com dezesseis su-

¹¹ O partido não conseguiu eleger nenhum candidato.

¹² Cf.: TENÓRIO, 2007.

plentes). A UDN tinha o mesmo número do PCB, trinta e três candidatos e elegeu apenas 27% do seu contingente.

Na tabela 4, apresento os candidatos de cada partido mais votados em Maceió.

TABELA 4: Candidatos mais votados em Maceió por partido¹³

	André Papini (PCB)	Ari Pitombo (PTB)	Aloisio Nogueira (PSD)	Joaquim Leão (UDN)
1º	571	368	42	411
2º	197	46	493	66
Soma	768	414	535	477
Total	895	904	903	682

Fonte: Diário Oficial do Estado de 12 de novembro de 1947, pp. 8-12.

Podemos observar a supremacia dos comunistas em Maceió. A soma dos votos nas duas zonas eleitorais da capital (terceira linha) de cada candidato não é sequer maior que os votos obtidos por André Papini apenas na 1º Zona. E a diferença no total de votos obtidos (quarta linha) pelos candidatos do PTB e do PSD é mínima em relação ao comunista (nove e oito respectivamente). Dentro desse universo, dos quatro mais votados na capital, André Papini teve 35% dos votos.

O intuito principal deste trabalho não era apenas demonstrar a dificuldades encontradas pelos militantes comunistas no interior de Alagoas em busca de votos. Igualmente, tencionei observar a importância dos centros urbanos para o PCB nas eleições, sobretudo em um estado rural e com altos índices de analfabetismo – excluídos do processo democrático. Os trabalhadores urbanos eram, de fato, o público-alvo dos comunistas e deram seu apoio nas urnas, como podemos ver naquelas cidades

com maior votação para o PCB, em especial Maceió e Rio Largo: estas duas cidades possuíam cinco grandes fábricas têxteis e, junto com Penedo, os três únicos diretórios pecebistas em Alagoas. A meu ver, é um bom indício para confirmarmos o que o próprio PCB tanto apregoava: era o partido da classe trabalhadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Luiz Sávio de. **Crônicas alagoanas vol. II – Notas sobre poder, operários e comunistas em Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2006.

BARROS, Luiz Nogueira. **A solidão dos espaços políticos**. Maceió: EDICULTE/SECULTE, 1989.

BEZERRA, Gregório. **Memórias (Segunda parte: 1946-1969)**. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

CARONE, Edgard. **O PCB (1943-1964) – Vol 2**. São Paulo: Editora Difel, 1982.

LIMA, Mario de Carvalho. **Sururu apimentado – Apontamentos para a história política de Alagoas**. 2º ed. Maceió: Editora da Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2008.

MAJELLA, Geraldo de. **Rubens Colaço: Paixão e vida - A trajetória de um líder sindical**. Recife: Edições Bagaço, 2010.

MEDEIROS, Fernando. **Montando o cenário - O Quadro de redefinição/modernização social e econômica (Alagoas nas décadas de 1950-1960)**. 2011. (mimeo)

MOURA, Anderson Vieira. **Comunistas e trabalhadores urbanos em Alagoas (1951-1961)**. 2012. 200 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de

¹³ Na “Soma”, temos o total de votos obtidos pelos candidatos apenas em Maceió. O campo “Total” representa a totalidade de votos obtidos pelos candidatos em todo o estado.

Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

_____. **“Uma candidatura de inspiração popular’: a formação da Frente Popular Alagoana (1955)”**. Cadernos de História, v. 17, n. 27. Belo Horizonte: PUC Minas, 2016, p. 406-430.

SÁ JÚNIOR, Heider Lisboa de. **A Justiça Eleitoral em Alagoas**. Maceió: Tribunal Regional Eleitoral de Alagoas, 2008.

SALDANHA, Alberto (org). **A Indústria Têxtil, a classe operária e o PCB em Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2011.

SANTANA, Marco Aurélio. **Homens partidos – Comunistas e sindicatos no Brasil**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

SEGATTO, José Antonio. **Breve história do PCB**. 2º ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **A tragédia do populismo - O impeachment de Muniz Falcão**. 2º ed. Maceió: EDUFAL, 2007.